

# SITUAÇÃO DA CITRICULTURA

Eng. Agr. J. M. Fonseca Lima

## Perspectiva da estação que se inicia.

### A produção e a safra exportável

A primeira estimativa da produção cítrica emitida pela Divisão de Economia Rural, em janeiro, situa o volume total em mais de 22 milhões de caixas de colheita. Esta previsão é preparada a partir das informações fornecidas pela rede de Agrônomos Regionais, que por sua vez as obtêm nas fontes locais como sejam os produtores e comerciantes. Apesar das insuficiências do método subjetivo, esta é ainda a melhor aproximação disponível, sobre a nossa produção cítrica.

Daquele total, que abrange os 505 municípios do Estado, excetuados os 21 que constituem a região atingida pelo Cancro Cítrico na Alta Sorocabana, calcula-se que cerca de 7 milhões de caixas são destinadas ao abastecimento da cidade de São Paulo e sabe-se

que uns 4 milhões vão alimentar a nossa corrente exportadora.

Apesar da estimativa para 1961 superar a de 1960, não se acredita nos meios citrícolas, que a quantidade de fruta exportável este ano exceda a que foi oferecida na estação anterior. Isto não é estranhável, pois nas regiões onde a indústria cítrica está em expansão, os pomares novos pouco contribuem para o abastecimento de mercados exigentes, pela baixa qualidade da fruta que produzem.

Nos mesmos meios da indústria cítrica, julga-se que na estação que agora se inicia, a maturação tem um desenvolvimento semelhante ao observado em 1960, significando que haverá pouca fruta para exportação no mês de abril.

Tanto nas zonas mais antigas, Limeira e Araras, como nas mais novas, Araraquara e Bebedouro, a maior parte da safra de laranja Pêra, principal contingente da nossa exportação, provém das floradas de novembro, que sòmente alcançará bom estado de maturação em maio ou junho. A ocorrência de uma forma atenuada de Tristeza em muitos dêstes pomares de Pêra, é provavelmente uma das causas das irregularidades que vem caracterizando a sua floração e frutificação, embora êste fato possa ser observado em pomares de outras variedades, isentos dessa virose. As floradas sucessivas ocorrem hoje na maioria dos nossos pomares cítricos, parecendo ser básicamente causadas por falta de água no solo, suficiente para garantir pegamento e desenvolvimento satisfatório dos frutos. Há vários anos que não mais se pode observar nos pomares cítricos aquela regularidade da floração e frutificação, onde predominava a fruta

de uma determinada florada, de modo que só de raro em raro havia colheita regular de frutas temporãs. Hoje, em meados de março, podemos ver laranjeiras carregando frutos de todos os tamanhos e ainda flores perfeitamente abertas.

Esta situação atende a um dos objetivos da indústria cítrica, que é sem dúvida estender ao máximo o período de colheita, de modo a ampliar a estação de suprimento de fruta fresca. Resulta, entretanto, de uma anormalidade de comportamento das plantas cítricas, causa de má qualidade dos frutos, como bem pudemos observar durante a colheita de 1960. O objetivo deverá ser procurado pela plantação de variedades novas, com épocas de produção diversas, garantindo assim um suprimento regular de frutas normais durante o ano todo, se possível.

Isto quanto à produção — Vejamos agora o que ocorre no setor da comercialização da safra de 1961.

## A COMERCIALIZAÇÃO

Podemos dizer que, em princípios de março, reinava muito pouca animação nos meios citrícolas, com relação à safra do ano em curso. Os exportadores mostravam-se retraídos e parece que dispostos a só

comprarem com muita cautela. Entre os produtores havia mostras de grandes preocupações com o destino da produção, pois em igual data do ano anterior, a grande maioria dos pomares comerciais já tinha

sido negociada por preços que foram considerados satisfatórios. Como ocorre com todos os nossos produtos, também para a laranja os custos de produção se elevam à medida que se desenvolve a inflação, reduzindo assim a margem com que podem contar os exportadores. Essa redução das margens, leva fatalmente a um reajustamento dos preços oferecidos aos produtores, fato que já pôde ser observado nas compras da safra de 1961. Em vez de preços variando entre 100 e 120 e até mais cruzeiros por caixa de colheita, no pomar, os preços hoje correntes não vão além de 80 cruzeiros por caixa ou até menos, com a agravante de em muitos casos valerem para fruta entregue nas Casas de embalagem e também sujeita ao descarte, que regula ser de 20 a 30 por cento na generalidade das nossas condições.

Durante a safra de 1960, 11 firmas exportaram frutas cítricas pelo pôrto de Santos. As quatro maiores foram responsáveis por 70% da exportação. Com as condições que prevaleceram no ano passado, é bem provável que êsse número seja mais reduzido em 1961, facili-

tando assim o reajustamento a que já nos referimos. Nessa situação, está claramente indicado aos produtores o caminho da organização cooperativista, para permitir-lhes enfrentar as novas condições que prevalecerão no futuro da indústria cítrica, ao que tudo indica.

Em matéria de comercialização de produtos agro-pecuários, a capacidade inventiva do homem fez a sua mais importante contribuição ao desenvolver e aperfeiçoar a organização de cooperativas de vários tipos, tôdas destinadas a compensar para os pequenos e médios produtores, a concentração das emprêsas mercantis dedicadas à distribuição dos produtos da agricultura. Acreditamos mesmo que a organização de uma forte Cooperativa Central dos Citricultores em São Paulo, contribua de forma positiva para melhorar a situação geral de tôda a indústria cítrica, operando tanto no mercado interno como no externo. A centralização das decisões que a existência de uma tal Cooperativa poderá ensejar, deverá ser um fator de progresso geral dêste ramo da nossa agricultura.

### **Há necessidade urgente de baixar os custos nos seus itens mais compressíveis**

Falamos acima, no reajustamento dos preços pagos ao pro-

ductor nesta safra. Se analisarmos a composição do custo

de uma caixa de laranja FOB Santos, veremos que do seu total de mais de 500 cruzeiros, ao produtor são pagos apenas 100 cruzeiros ou menos de 20%. Diante de um mercado desfavorável, o exportador procurará baixar os seus custos, pres-

sionando sôbre as linhas de menor resistência, neste caso o produtor, pois os outros componentes do custo são mais ou menos incompressíveis para êle, como se pode ver no quadro abaixo.

### Custo de uma caixa padrão de laranjas FOB-Santos

Cruzeiros	
I — Preço pago ao produtor .....	100,00
II — Colheita .....	12,00
III — Carreto .....	20,00
IV — Material para embalagem .....	130,00
V — Mão de obra no Packing-House .....	65,00
VI — Frete à Santos .....	75,00
VII — Despesas para carregar em Santos .....	60,00
VIII — Impostos, Taxas e Encargos Sociais desde a compra da fruta .....	126,00
TOTAL .....	588,00

Não é computado neste cálculo, o valor do descarte que o exportador pode apurar vendendo a fruta imprópria para exportação, no mercado de São Paulo. A situação dêste mercado na época da safra, ou seja de abril até setembro, é às vêzes tão desfavorável que desencoraja as remessas até de fruta de boa qualidade.

Vemos assim que de um custo total de quase 600 cruzeiros FOB Santos, o produtor recebe menos de 20%. Nestas condições de custos, seria lógico procurar reduzi-los em todos os demais itens, respeitando-se a

parcela destinada ao produtor.

Conforme mencionamos em nosso relatório de viagem, o produtor espanhol de fruta cítrica, recebe mais de 50% do custo FOB Valência, como remuneração do seu trabalho de produzir laranjas.

Parece-nos indispensável para a sobrevivência da nossa exportação, que além de outras medidas de organização, sejam reexaminados cuidadosamente aqueles itens do custo, passíveis de compressão, como especialmente devem ser os de números IV, VI, VII e VIII, do quadro acima.

## A União Sulafriicana exportará um pouco menos do que em 1960. Ao mesmo tempo adotará medidas para enfrentar a concorrência

Segundo a estimativa da "South African Citrus Board", aquele país espera remeter para os mercados europeus em 1961, umas 300 mil caixas me-

nos do que em 1960.

Informações de boa fonte, detalham aquela estimativa como no quadro abaixo:

Segundo a mesma fonte, em

	1960	1961
Laranjas . . . . .	8.219.623 cxs.	8.635.583 cxs.
Pomelos . . . . .	604.202 cxs.	523.464 cxs.
Limões . . . . .	451.128½ cxs.	381.396½ cxs.
Tangerina . . . . .	11.880½ cxs.	17.046½ cxs.
<b>Total (caixas) . . .</b>	<b>9.055.329</b>	<b>9.358.268</b>

comunicado emitido depois de sua última reunião em Pretoria, a "Citrus Board" sulafricana afirma que os resultados da campanha cítrica de 1960 foram muito insatisfatórios e mesmo desastrosos em alguns casos. Afirma também que o declínio dos preços na Europa pode ser atribuído à oferta excessiva de fruta e à incapacidade de incrementar a procura na mesma proporção. Anunciou também a sua intenção de promover extensas investigações de mercado, para à luz dos resultados, reexaminar todo o assunto. Anotou finalmente o fato de que os produtores afortunados por não terem excesso de fruta miúda ou excesso de desperdício; ainda puderam receber uma razoável remuneração.

De acordo com fontes geral-

mente bem informadas, a "Comissão Cítrica" da União Sulafriicana, examinando os resultados da estação em 1960, verificou estarem os preços, cerca de 8 shillings por caixa abaixo das estimativas, embora não encontrasse razões para pessimismo exagerado.

Decidiu, entretanto, recomendar medidas relativas à estação de 1961, a seu ver necessárias para fazer face às novas condições. São elas: I — Inspeção mais rigorosa para garantir melhor qualidade; II — Melhoria do controle sobre os embarques de modo a estender a estação ao máximo; III — Melhor propaganda; IV — Compressão dos custos de produção e finalmente um aviso geral de que os dias de lua de mel da indústria cítrica já tinham passado.

Na Espanha, a Comissão Consultiva de Citrus anunciou em reunião de 3 de março a abertura da exportação de variedades tardias (Valência e Verna) a partir de 10-3-61. Ao mesmo tempo notícias de Hamburgo dão como iniciada ali, a estação das variedades tardias, com um carregamento de laranja Valência muito pobremente colorida, vindo de Marrocos, o que na opinião do informante pressagiava um mau começo para as tardias. Estas variedades concorrem com a fruta brasileira, na primeira parte da estação. Isso significa que devemos ter o maior cuidado nas primeiras remessas, com a falta de côr que ge-

ralmente caracteriza a nossa fruta. A chegada da fruta com a casca ainda verde ou ainda imatura internamente, é um fator seguro de aviltamento dos preços.

Nunca insistiremos demais neste ponto, pois nos meses de abril, maio e junho, seguramente, haverá nos mercados europeus abundantes suprimentos de laranjas tardias provenientes do Hemisfério Norte, fruta essa que em geral se apresenta com o máximo de côr alaranjada, oferecendo um contraste sumamente desfavorável para aquelas que como as nossas, são naturalmente menos coloridas, mesmo quando bem maduras.

## OS FATORES POSITIVOS

No decorrer do mês de março, três acontecimentos na esfera internacional, vieram trazer um novo alento às perspectivas da nossa exportação de laranjas.

O primeiro dêles e provávelmente o de menor repercussão, foi a valorização do Marco alemão (D.M.) em cerca de 5%. A medida visou obviamente a correção de um desequilíbrio no balanço de pagamentos daquele país. Há certa cautela nos prognósticos, pois muitos círculos preferem aguardar mais algum tempo para aferir das consequências dessa medi-

da, que entretanto significa uma conversão mais favorável aos exportadores de laranjas, apesar da pequena amplitude da modificação.

O segundo deriva da vigência entre nós, da Instrução 204 da SUMOC, com efeitos nitidamente desvalorizadores do cruzeiro, efeito êsse que irá somar-se ao da medida adotada pelo Governo alemão, no que respeita às nossas exportações para aquêle país. É uma medida de ordem geral que beneficiará tôda a pauta das exportações brasileiras.

O terceiro, foi a decisão dos transportadores marítimos, de baixar o frete de uma caixa padrão, em frigorífico, de 12 shillings para 10/9 shillings, o que significa uma diferença apreciável nesse importante item, na formação do custo CIF da nossa laranja exportada.

São êstes três elementos positivos que fazem melhorar a perspectiva para a estação cíclica de 1961, no que diz respeito às nossas exportações para os mercados europeus.

Por último, temos a consignar que por decisão adotada em reunião dos representantes dos países do Commonwealth britânico, a União Sulafricana

deixará de fazer parte dessa associação a partir de 1.º de maio próximo.

Esta decisão entretanto, segundo parece, não produzirá qualquer efeito benéfico na capacidade competitiva da nossa fruta no mercado do Reino Unido, pois segundo declarações oficiais no Parlamento britânico, a preferência continuará em vigor para as importações da União Sulafricana: "o acôrdo bilateral concluído depois da Conferência de Ottawa em 1932, que governa nossas obrigações para com a União Sulafricana nesta matéria, não será afetado pela mudança de "Status" daquele país", reza a declaração.